

IMAGINANDO O ANIMAL EM UM MUNDO INDUSTRIAL

Luísa Muccillo¹

Resumo:

Este texto é resultado de uma apresentação no Colóquio Internacional Cosmopolíticas II, no dia 18 de novembro de 2020. Nele, procuro traçar alguns dos desafios que se colocam quando pensamos em “como levar os animais em conta?” a partir da proposição cosmopolítica. Penso especialmente nos animais criados em regime de confinamento, na medida em que essa pergunta está sendo feita por corporações da indústria da carne. Para seguir com essa preocupação, analiso como a biossegurança — enquanto dispositivo social, técnico e ideológico — tem atuado de maneira complexa e paradoxal nesses ambientes, interferindo nos processos de saúde e doença, multiplicando os desafios de viver e morrer em conjunto.

Palavras-chave : biossegurança; indústria da carne; cosmopolítica

Resumen:

Este texto es el resultado de una presentación en el Colóquio Internacional Cosmopolíticas II, el 18 de noviembre de 2020. En él, busco trazar algunos de los desafíos que surgen cuando pensamos en "¿cómo llevar a los animales en cuenta?" a partir de la proposición cosmopolítica. Pienso especialmente en los animales criados en régimen de confinamiento, en la medida en que esa pregunta está siendo hecha por corporaciones de la industria de la carne. Para seguir con esa preocupación, analizo cómo la bioseguridad — como dispositivo social, técnico e ideológico — ha actuado de manera compleja y paradójica en esos ambientes, interfiriendo en los procesos de salud y enfermedad y multiplicando los desafíos de vivir y morir juntos.

Palabras clave : bioseguridad; industria de la carne; cosmopolítica

O problema de como podemos levar os animais em conta nas mais diversas esferas da vida é uma questão tanto epistemológica, política e cosmopolítica. No primeiro caso, ela se enquadra dentro da preocupação teórica que busca entender quais foram as condições que permitiram a suposta separação ontológica entre humanos e animais no pensamento moderno. No segundo, trata-se das preocupações éticas e morais dos movimentos sociais que prezam pelo direito e pela vida dos animais. Por fim, como foi colocado por Fernando nesta mesa, uma das implicações do problema segundo o ponto de vista cosmopolítico é “ la necesidad de prácticas

¹ Luísa Muccillo, Graduada em Ciências Sociais pela UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa em Ecologia das Práticas (GPEP-APPH).

de cuidado y atención que valoren la multiplicidad de mundos en el contexto de nuestra cataclísmica transición ecológica, en contraposición a aquellas prácticas que buscarían reducir lo heterogéneo a lo homogéneo”(2021). Contudo, no caso de animais criados em regime de confinamento intensivo para a produção de “proteínas essenciais”, os dilemas éticos e morais levantados pela luta do bem estar animal estão sendo incorporados pela indústria da carne na rotina de trabalho das fazendas industriais. Nesse sentido, o cuidado com a saúde física e emocional dos animais não se opõe aos regimes de confinamento, muito pelo contrário, participa deles sob a forma de uma gestão racionalizada que integra essas questões nos cálculos de qualidade do produto e valor econômico (PERROTA, 2016, p.72).

Por exemplo, para uma empresa que produz e vende suínos em um sistema vertical e integrado, a manutenção da vida e da morte dos porcos é produzida e acompanhada integralmente: desde laboratórios de genética, bancos de sêmen, lavouras de milho para ração, sítios de inseminação, fazendas de criação, abatedouros e instalações de processamento de carcaças. Além do corpo físico do animal (vivo e morto), suas emoções também são contabilizadas e manejadas na rotina dos trabalhadores. Mas aqui, o desafio de levar os animais em conta não é apenas uma questão de incorporar a pressão externa que as políticas pelo bem estar animal exercem nas fazendas industriais: é também sobre reconhecer que não sabemos exatamente o que um porco pensa, de forma que as ações dos trabalhadores podem despertar reações inesperadas nos animais - um efeito perigoso para um sistema que tem a pretensão de controlar tudo. Por isso que uma certa economia das emoções humanas, em consonância com a dos animais, é uma das questões chaves para o trabalho nas fazendas industriais.

Diferente do conto moderno que reduz o animal a mera figura da máquina, de natureza simples e comportamento mecânico, as grandes corporações estão levando em

conta os animais industriais enquanto uma entidade complexa que exige o esforço gigantesco, desde o trabalho manual até as pesquisas científicas em genética, para acomodá-lo nas equações produtivas. Ao tomar os animais como centro das atividades produtivas, as fazendas industriais recolocam a figura do animal na tese de excepcionalismo humano, ao ponto de reconfigurar as relações sociais e de parentesco entre os próprios humanos que trabalham nesses ambientes, como demonstra o livro *Porkopolis* (2020) do antropólogo canadense Alex Blanchette.

A etnografia de Blanchette em uma empresa de suínos nos Estados Unidos conta as histórias de famílias imigrantes que tiveram seus laços familiares rompidos ou afetados assim que entraram no circuito de produção suína. Um funcionário mexicano, trabalhador no setor de inseminação artificial, relata que ele e sua família trabalham há anos na mesma empresa, pois é impossível conseguir outro emprego por conta dos protocolos de biossegurança. Ele conta que foi obrigado, sob ameaça de demissão, a morar longe do pai que trabalhava nas plantas de processamento de carcaças. As porcas inseminadas não podem ter contato com porcos de outras granjas, mesmo os da mesma empresa. Os gerentes se preocupam que as partículas microscópicas de saliva, sangue, fezes e sêmen se alojem nas orelhas, unhas e narinas dos trabalhadores, podendo contaminar uma população inteira de suínos fragilizados. Através da biossegurança, a vida nos ambientes de trabalho se estende até os ambientes domésticos. Nos Estados Unidos, um sistema de controle dos endereços das folhas de pagamento monitora as relações entre os funcionários das fazendas e os lugares que eles frequentam, com o objetivo de diminuir as distâncias entre os arranjos domésticos, os protocolos de biossegurança e a divisão do trabalho nas empresas. (BLANCHETTE, 2020, p.46-50).

O corpo dos trabalhadores é tradicionalmente marcado pelos protocolos de biossegurança como potenciais riscos à saúde pública, na medida em que patógenos emergentes, bactérias resistentes a antibióticos e dejetos industriais passaram a ser objeto de atenção da saúde global através das medidas de biossegurança, misturando “imaginários de antecipação, assepsia e de contenção” (SEGATA, 2020, p.278) que surgem de inseguranças militares no controle do território nacional e refletem em práticas institucionais discriminatórias. Mas a investigação de Alex Blanchette revela ainda outro aspecto dessas medidas: o trabalho humano é enquadrado como uma ameaça aos porcos industriais. Isso constitui o inverso dos medos antropocêntricos das políticas de segurança, que enxergam os animais (exóticos e criados) como uma ameaça de transmissão zoonótica. As socialidades humanas são agora marcadas como reservatórios

de doenças transmissíveis para porcos. O biólogo Rob Wallace, no livro *Pandemia e Agronegócio* (2020), comenta algo parecido: o contra-ataque mais perverso da indústria suína foi culpar as pessoas por ameaçar os porcos com a gripe suína de 2009: os fazendeiros diziam temer que os animais fossem infectados pelas pessoas, proibindo visitantes em suas plantas de

reprodução e exigindo que trabalhadores apresentassem informações sobre viagens recentes antes de pisarem nas suas propriedades. (WALLACE, 2020, p.76-77).

O que Blanchette sugere é que esses protocolos de biossegurança “pós-antropocêntricos” exercem um tipo de atenção especial para a presença invisível dos animais no dia-a-dia das pessoas, para os ambientes que são constituídos nos limites das diferenças entre espécies, para as convivências de alto risco tanto por parte do trabalho manual quanto pela circulação de bactérias, fungos e outras formas de vida microscópicas. Os protocolos são dispositivos sociotécnicos que interiorizam as capacidades produtivas dos animais nas práticas de trabalho humano (BLANCHETTE, 2020, p.51). A pecuária intensiva tem criado uma espécie cada vez mais homogeneizada e fragilizada pelas intervenções genéticas, exigindo dos trabalhadores humanos um comportamento igualmente homogeneizado e padronizado.

Se, por um lado, a agropecuária em larga escala desenvolve o animal enquanto uma figura estatística e abstrata, os protocolos de biossegurança desempenham um papel paradoxal: são tecnologias que controlam os territórios e populações através da espécie suína, mas são também dispositivos em que as materialidades da vida suína são percebidas e produzidas ao exagero, enfatizando os limites da padronização industrial e prestando atenção para ambientes em que a convivência, o afeto, risco e a morte estão sempre implicados. Contudo, a performance da biossegurança na pandemia do novo coronavírus têm enfatizado simplificações e estereotipizações nos processos de saúde e doença multiespécie. As narrativas que figuram grandes divisões como algoz e vítima, contaminante e contaminado, mas principalmente a ideia de que “a natureza e os animais” são estrangeiros que ameaçam as sociedades e vidas humanas, foram retomadas pelas hipóteses que especulam a origem do Sars-Cov-2 e pelos modelos explicativos que buscam entender de que forma o “salto” entre espécies foi possível. De maneira geral, essa narrativa caracteriza animais silvestres - como os morcegos, civetas e pangolins - enquanto reservatórios de agentes patógenos e insiste em relacionar os hábitos alimentares “exóticos” — do ponto de vista do Norte Global — com o início de uma nova infecção entre humanos. Apesar deste enredo, as plantas de processamento de carcaças

foram associadas a inúmeros surtos de contaminação do novo coronavírus em países como os Estados Unidos, Alemanha e Brasil. As altas taxas de infecção registradas entre trabalhadores dessa indústria, seus familiares e comunidade, sugere que esses “espaços modernos” obedientes a rígidos protocolos de segurança não são mais seguros que os

“mercados úmidos” chineses. Em um trabalho publicado recentemente pela revista *Tessituras*, eu, o antropólogo Jean Segata e a colega Luiza Beck buscamos demonstrar como a supervalorização de narrativas exóticas sobre o consumo de animais silvestres oblitera o modo como o capitalismo da carne processada em alta escala molda relações nocivas entre humanos, animais e ambientes (SEGATA; BECK; MUCCILLO, 2020).

No artigo retomamos uma discussão feita por Segata (2020) sobre como os protocolos de biossegurança são convertidos em “sistemas políticos de contenção cada vez mais robustos, que definem e distribuem riscos e vulnerabilidades a partir de performances imaginativas quase sempre militarizadas” (SEGATA; BECK; MUCCILLO, 2020, p.365). O paradigma contemporâneo da biossegurança incorpora a racionalidade bélica-militar ao elaborar um “inimigo comum” e investe em sistemas de segurança globais que estão sempre preparados para lidar com um risco iminente já anunciado. Sendo os animais silvestres marcados como potenciais riscos à saúde e culpabilizados pelo salto zoonótico do vírus, a biossegurança endossa os esquemas agroindustriais e justifica a criação intensiva de animais como mais seguras para o consumo humano. Como temos visto, as infraestruturas da pandemia acompanham as infraestruturas industriais. Muito distante da aparente exotividade com a qual a origem do coronavírus é associada, suas histórias de contaminação são contadas no cotidiano mais banal. A expansão do vírus está incorporada “aos registros já normalizados e assegurados da circulação de humanos, objetos, mercadorias e animais” (SEGATA; BECK; MUCCILLO, 2020, p.364).

Tentei reunir neste pequeno trabalho algumas questões que sugerem que a pergunta “como levar os animais em conta?” tem sido feita por corporações que criam, matam e transformam animais em produtos. Em especial, a biossegurança enquanto um dos pilares materiais-ideológicos do agronegócio ocupa um lugar paradoxal nesse problema, pois ela tanto leva em conta a multiplicidade de materialidades, vidas e relações complexas, como também performa as já desgastadas divisões entre humanos e não humanos, ameaçadores e ameaçados, contaminantes e contaminados. É evidente que, contudo, as atenções cultivadas para essas multiplicidades são convertidas em conhecimentos que melhoram a produtividade da vida industrial — quanto mais

sintonizados estiverem os trabalhadores com os animais e ambientes que eles trabalham, mais fácil será de rotinizar, padronizar e homogeneizar. Portanto, o desafio

cosmopolítico de levar os animais em conta na construção de mundos diversos é tremendo. Como colocou a fala de Júlia (2021) nesta mesa, uma das maneiras possíveis para exceder os circuitos de homogeneização seja pensar em termos de alianças³. Como podemos nos aliar aos porcos industriais? Como podemos fazer essas alianças considerando uma espécie que nos coloca o problema de simplesmente retornar para a “natureza pré-industrial”, na medida em que as intervenções genéticas de longa data já “despurificaram” suas naturezas com os códigos da industrialização intensiva. Talvez a questão seja aquela colocada por Alex Blanchette no final de seu livro: “aprender como se relacionar com porcos fora da indústria - isto é, fora do trabalho, fora da carne, fora da economia de valor - pode nos ensinar a viver de uma maneira melhor” (BLANCHETTE, 2020, p.246).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BLANCHETTE, Alex. *Porkopolis: American animality, standardized life, and the factory farm*. Durham: Duke University Press, 2020.
- GONÇALVES, Júlia. *Pensar alianças: o desafio da proposição Cosmopolítica para uma economia de transição*. In. **DasQuestões**, Vol.8, n.2, abril de 2021. p. 113-119.
- PERROTA, Ana. Abate bovino e rede industrial: um estudo sobre a introdução e gestão racional e econômica das emoções dos animais. *Revista Política & Sociedade*, v. 15 n. 33 (2016), 68-65.
- SEGATA, Jean. Covid-19, Biossegurança e antropologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol. 26, n. 57, p. 275-313, 2020.
- SEGATA, Jean. BECK, Luiza; MUCCILLO, Luísa. A Covid-19 e o capitalismo *na carne*. Pelotas. *Tessituras*. v.8. n.1. p. 354-376. 2020
- SILVA E SILVA, Fernando. *Cuidar de los mundos venideros*. In. **DasQuestões**, Vol.8, n.2, abril de 2021. p. 106-112.
- WALLACE, Rob. *Pandemia e Agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência*. Editora Elefante, São Paulo, 2020